



Com Márcia Kubitschek e Júnia Marise, Collor ganhou em Minas

Menino rico queria ser bispo

Nariz aquilino, cabelos cheios com alguns fios já grisalhos e casado pela segunda vez com Rosane, recém-formada em Administração de Empresas, Fernando Collor de Mello tem um temperamento agressivo, além de combinar vaidade, ambição e autoconfiança. Menino rico, Collor já pensou em ser muitas coisas na vida. Houve um tempo em que pretendia ser bispo. Não levou à frente a idéia. Chegou a arriscar a carreira de manequim, tendo até participado de alguns desfiles, cuja promotora era a primeira-dama Yolanda Costa e Silva, mulher do presidente Arthur da Costa e Silva. O desfile aconteceu em 1968, no salão nobre o Itamaraty, e tinha a finalidade de ajudar a Legião Brasileira de Assistência.

O fato de ter participado de um desfile chegou a ser muito explorado pela imprensa, mas Collor já deu várias explicações sobre o fato. Uma delas saiu no **Jornal do Brasil**, onde o candidato disse: "Eu tinha 21 anos, estudava e morava sozinho em Brasília. Meu cunhado e amigo Marcos Coimbra, que é diplomata, chegou da Europa para assumir um posto por aqui. Na bagagem ele trouxe, além de seus objetos pesso-

ais, uma bela coleção de bebidas francesas e inglesas, entre vinhos, conhaques e uísques. As manequins do Pierre Cardin estavam na cidade para um desfile beneficente da LBA e eu e o Marcos resolvemos oferecer a elas uma recepção. Daí em diante resolvemos acompanhá-las a toda parte. No desfile do Itamaraty estivemos, naturalmente, junto com as moças. Essa história de que desfilei me faz rir muito, porque a coleção do Cardin só incluía peças para o vestuário feminino".

Filho do senador Arnon de Mello, falecido em 1983, Fernando Collor de Mello é, pelo lado materno, descendente de um cruzamento de oligarquias: nordestina, por parte do pai; gaúcha, por parte da mãe, filha do jornalista e político Lindolfo Collor, que foi literato amigo de Olavo Bilac, Coelho Neto e outros parnasianos. O pai de Lindolfo, um sapateiro e músico, chamava-se Johan Boekel. Assim, o sobrenome de Collor deveria ser Boekel. Isto só não aconteceu porque a sua mãe-avó, Leopoldina Schreiner Boekel (viúva), casou-se com João Antônio Collor. Este fez questão de dar seu sobrenome aos três filhos de Leopoldina.